

Meditações: Domingo de Ramos

Reflexão para meditar no Domingo de Ramos. Os temas propostos são: a entrada do Senhor em Jerusalém; quem está mais perto de Jesus é o burrinho; compreender a lógica do reinado divino.

- A entrada do Senhor em Jerusalém
 - Quem está mais perto de Jesus é o burrinho
 - Compreender a lógica do reinado divino
-

O SENHOR ENTRA em Jerusalém. Aquele que sempre se opôs a qualquer manifestação pública de louvor, que se tinha escondido quando o povo o queria fazer rei, hoje se deixa levar em triunfo. Somente agora, quando sabe que a morte está próxima, ele aceita ser aclamado como o Messias. Jesus sabe que, na realidade, ele reinará da cruz, pois as mesmas pessoas que agora o aclamam alegremente logo o abandonarão e o conduzirão ao Calvário. As palmas se transformarão em flagelos; os ramos de oliveira, em espinhos; os aplausos, em zombaria impiedosa.

A liturgia, com a cerimônia da bênção dos ramos e com os textos da missa – incluindo o relato da paixão de nosso Senhor – mostra como estão unidos na vida de Jesus Cristo a alegria e o sofrimento, o contentamento e a dor. São Bernardo fala de como neste dia os sorrisos e

as lágrimas estão unidas: “a Igreja hoje une com admirável e nova sabedoria, a procissão e a paixão. A procissão suscita felicidades e a paixão lágrimas”[1].

Jesus entra em Jerusalém e seus habitantes estendem suas vestes pelo caminho. “As folhas de palma, escreve Santo Agostinho, são símbolo de homenagem, porque significam vitória. O Senhor estava prestes a vencer, morrendo na Cruz; pelo sinal da Cruz, ia triunfar sobre o Diabo, o príncipe da morte’. Cristo é a nossa paz porque venceu”[2]. A leitura dos momentos da Paixão trouxe muitos personagens à nossa frente. Naquela época, poucos suspeitavam qual seria a vitória que Cristo trazia. Podemos nos perguntar, durante esta semana, em que reviveremos estes eventos: “Onde está o meu coração? Com qual destas pessoas me pareço?”[3]. Com que fé contemplo os eventos

fundamentais que a Igreja nos convida a aprofundar nestes dias?

TAMBÉM HÁ OUTRO forte contraste na procissão triunfal: no meio do entusiasmo superficial e barulhento, brilha a figura silenciosa de um burro que, fiel e obediente, carrega o Senhor. “Um burrinho foi o trono de Jesus em Jerusalém. Vejam – São Josemaria fazia-nos considerar – como é belo servir como trono a nosso Senhor” [4]. O pobre animal, com o trote mais gracioso que pode, vai pisando sobre sedas e púrpura, linho e tecidos finíssimos; os homens os colocaram lá para honrar a passagem de nosso Senhor. Mas enquanto os outros oferecem objetos, o burrinho se dá a si mesmo: em seus lombos ásperos ele carrega o peso suave de Jesus. Ao seu lado os homens correm, acenando em todos

os lugares com ramos verdes de oliveira, palmas e louros. Mas ninguém, nem mesmo os próprios apóstolos, está tão perto do Senhor quanto ele.

“Se a condição para que Jesus reine em minha alma, na tua alma, fosse contar previamente com um lugar perfeito dentro de nós, teríamos motivos para desesperar. *Mas não temas, filha de Sião: eis que o teu Rei vem montado sobre um jumentinho.* Vemos? Jesus contenta-se com um pobre animal por trono. Não sei o que se passa convosco; quanto a mim, não me humilha reconhecer-me aos olhos do Senhor como um jumento: Sou como um burrinho diante de Ti; mas estarei sempre a teu lado, porque me tomaste pela tua mão direita, Tu me conduzes pelo cabresto (...). Há centenas de animais mais belos, mais hábeis e mais cruéis. Mas Cristo escolheu esse para se apresentar como rei diante do

povo que o aclamava. Porque Jesus não sabe o que fazer com a astúcia calculista, com a crueldade dos corações frios, com a formosura vistosa mas oca. Nossa Senhor ama a alegria de um coração jovem, o passo simples, a voz sem falsete, os olhos limpos, o ouvido atento à sua palavra de carinho. É assim que reina na alma”[5].

GOSTARÍAMOS DE TER, nesta Semana Santa que está começando, o nosso ouvido muito atento à voz de Deus. Não apenas nosso ouvido, mas todos os nossos sentidos. Não queremos perder nenhum gesto, nenhuma palavra, nenhum sentimento de Jesus naqueles dias que dão sentido pleno à nossa vida.

“Que pensavam, realmente, em seus corações aqueles que aclamam Cristo

como Rei de Israel? Certamente tinham a sua ideia própria do Messias, uma ideia do modo como devia agir o Rei prometido pelos profetas e há muito esperado. Não foi por acaso que a multidão em Jerusalém, poucos dias depois, em vez de aclamar Jesus, grita para Pilatos: ‘Crucifica-O!’, enquanto os próprios discípulos e os outros que O tinham visto e ouvido ficam mudos e confusos. Na realidade, a maioria ficara desapontada com o modo escolhido por Jesus para Se apresentar como Messias e Rei de Israel. É precisamente aqui que se situa o núcleo da festa de hoje”[6].

A experiência dos que receberam Jesus naquele dia com os ramos pode servir para pensar qual é a ideia que temos de Jesus, do seu reinado; o que pensamos sobre o seu poder e a sua graça. Pode acontecer, por exemplo, que às vezes fiquemos desiludidos pela forma como a redenção se

realiza, pelo seu ritmo aparentemente lento. Às vezes gostaríamos que Deus triunfasse imediatamente, confundindo os nossos planos com os d'Ele. Não aceitamos que Deus está decidido a não comprometer a nossa liberdade ou a dos que nos rodeiam. O seu amor é tão delicado que não se impõe. Ele não aproveita, por exemplo, a aclamação deste Domingo de Ramos nem o utiliza em seu proveito.

Pelo contrário, “o coração de Cristo encontra-se em outro caminho, no caminho santo que só Ele e o Pai conhecem Ele sabe que, para chegar ao verdadeiro triunfo, deve *dar espaço a Deus*”[7]. É o espaço da silenciosa, mas poderosa ação de Deus, que renova as coisas através do amor do Filho pelo Pai. Ele derrama e oferece este amor, chegando “até a morte, e morte de cruz” (Flp 2,6-8). É assim que o Senhor reina. E neste

caminho podemos contemplar a imagem da sua primeira e mais fiel seguidora, sua mãe. “Não a vereis entre as palmas de Jerusalém, nem - afora as primícias de Caná - à hora dos grandes milagres. Mas não foge ao desprezo do Gólgota; ali está “juxta crucem Jesu”, junto à cruz de Jesus, sua Mãe”^[8]. E nós, por graça não merecida, junto a ela.

[1] São Bernardo, *Sermão do Domingo de Ramos*, 1,1.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*,

[3] Francisco, *Homilia*, 13 de abril de 2014.

[4] São Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 13 de abril de 1965.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*,
181

[6] Bento XVI, *Homilia*, 1º de abril de 2012.

[7] Francisco, *Homilia*, 14 de abril de 2019.

[8] São Josemaria, Caminho, nº 507.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-domingo-de-ramos/> (21/02/2026)